

PAPÉIS PARA IMPRIMIR E ESCREVER

Este segmento do setor de papel e celulose representa 28% do consumo mundial de papéis. Subdivide-se em 4 grupos principais conforme o papel seja ou não revestido (coated ou uncoated) e contenha ou não pasta de madeira na fabricação (woodcontaining ou woodfree). Os papéis I & E não revestidos à base de celulose (uncoated woodfree - UWF) destinam-se, principalmente, a impressos em geral (livros, folhetos, etc), papéis para escritório e formulários contínuos. O Brasil é importante fornecedor mundial de papéis UWF, devendo ocupar a 3a. posição entre os exportadores ainda no ano de 1994. Os papéis revestidos à base de pasta (CWC) tem como tipo bastante utilizado o LWC (light weight coated) destinado, principalmente, à impressão de revistas.

Produção e Mercado Mundial

A década de 1980 apresentou uma das maiores taxas de crescimento de toda história da Indústria de papel e papelão, quando a produção mundial passou de 171 milhões de toneladas em 1980 para 237 milhões em 1990 (3,3% a.a.).

Nos anos que se seguiram, houve uma diminuição desse ritmo com a demanda atingindo 255 milhões de toneladas em 1993, ou seja, 2,4% a.a. de crescimento médio para o período 90/93.

O segmento de papéis para imprimir e escrever, que representa cerca de 28% do mercado total de papel e papelão, é o que vem apresentando as maiores taxas de crescimento (2,6% a.a. no período 90/93), tendo atingido 71,2 milhões de toneladas em 1993. Geograficamente, se localizam no Leste da Ásia os incrementos de consumo mais expressivos.

Dentro do segmento de imprimir e escrever, os papéis revestidos (coated) vem mostrando as mais acentuadas taxas de crescimento (cerca de 5% a.a. no período 90/93), atingindo 25,6 milhões de toneladas em 1993.

O mercado internacional de papéis para imprimir e escrever mostrou um bom crescimento ao longo dos primeiros meses de 1994. A produção de papéis I & E na Europa, no primeiro trimestre de 1994, cresceu 8,4% em relação ao mesmo período de 1993, superior ao incremento da produção de todo o setor de papel e papelão, que atingiu 6,7%. Registrou-se um forte aumento de produção (11,9%) no segmento de papéis revestidos liderado pela Bélgica (reativação da Cellulose des Ardennes) e Portugal: 26,2% e 25%, respectivamente.

Os preços de papéis I & E encontram-se em crescimento desde o início de 1994 nos principais

mercados. Para a bobina de papel UWF, por exemplo, o preço médio na Europa evoluiu de US\$ 600/t, em janeiro de 1994, para cerca de US\$ 840/t em agosto último.

As perspectivas da Jaakko Pöyry para o consumo dos próximos anos (até 2005), indicam uma taxa média de crescimento de 2,7% a.a. para o setor de papel e papelão como um todo, de 3% a.a. para os papéis I & E, sendo de 4% a.a. para os revestidos e 2,6% a.a. para os não revestidos. Os papéis não revestidos à base de pasta mecânica (UWC) terão as menores taxas (2% a.a.). Essas diferenciações de crescimento devem-se, principalmente, ao aumento de impressões a cores, especialmente para propaganda, além da tendência geral da melhoria dos padrões de qualidade dos impressos.

Produção e Mercado Nacional

O segmento de papéis para imprimir e escrever representou, em 1993, 31% da produção nacional de papéis e cartões (1.639 mil t num total de 5.301 mil t). Essa produção concentra-se, basicamente, nos papéis sem revestimento, à base de pasta química branqueada (uncoated woodfree), que representam cerca de 90% do total de imprimir e escrever.

Em termos de unidades produtivas, os seis maiores grupos/empresas concentram 90% da produção. São eles: Grupo Suzano (Suzano, Bahia Sul e Agaprint), Grupo Votorantim (Simão, Celpav e Salto), Champion, Grupo Ripasa (Ripasa, Santista e Limeira), Inpacel e Santa Maria.

O quadro seguinte mostra a evolução do market-share dos principais produtores nacionais de papéis I & E entre 1990 e 1993.

PRODUÇÃO

GRUPO/EMPRESA	mil t			
	1990	%	1993	%
GRUPO SUZANO	298	23,1	395	24,1
GRUPO VOTORANTIM	228	17,7	386	23,6
CHAMPION	334	25,9	335	20,4
GRUPO RIPASA	119	9,2	225	13,7
INPACEL	-	-	88	5,4
SANTA MARIA	78	6,1	45	2,7
SUBTOTAL	1.057	82,0	1.474	89,9
OUTRAS	232	18,0	165	10,1
TOTAL BRASIL	1.289	100,0	1.639	100,0

Fonte : ANFPC

Entre 1990 e 1993, a produção brasileira desse segmento cresceu 27%, o que significou um aumento médio anual de 8,3%, contra 4% a.a. para o conjunto da produção de papéis e cartões. A extrapolação da produção dos seis primeiros meses do ano de 1994 indica até o final do ano um volume estimado de 1.770 mil t. Acreditamos, entretanto, que se deva atingir 1.830 mil t em razão do aquecimento do mercado e pelo fato de algumas máquinas de papel de grande porte (Bahia Sul, Celpav, Inpacel) ainda se encontrarem em curva de aprendizado, significando, potencialmente, volumes crescentes de produção. Desse modo, a produção nacional de papéis para imprimir e escrever, em 1994, poderá ser 12% superior a de 1993.

O consumo interno de papéis para imprimir e escrever deverá se apresentar, no ano de 1994, 7% superior ao registrado em 1993, podendo alcançar 1.020 mil t.

Exportações Brasileiras

A entrada em operação de novas máquinas num cenário de recessão obrigou as empresas brasileiras a considerável esforço no direcionamento de suas vendas ao mercado externo. A exportação nacional de I & E aumentou 57% no período 1990/93, tendo evoluído de 484 para 758 mil t, significando um crescimento médio anual de 16,1%. As exportações dos seis primeiros meses de 1994 indicam, para o final do ano, um volume total a ser exportado de 810 mil t, o que representará aumento de 7% em relação ao ano anterior. Este número poderá variar significativamente dependendo do comportamento do mercado interno pós Plano Real conjugado com eleições e política cambial. Uma eventual estagnação do mercado interno poderá elevar o nível das exportações para 900 mil t, o que posicionará o

Brasil entre os oito principais exportadores de papéis I & E e entre os três primeiros nos papéis woodfree uncoated.

Os seis maiores grupos/empresas do setor, citados anteriormente, respondem por 97% das exportações brasileiras. Em 1990, a relação entre as exportações e o total da produção nacional de papéis I & E foi de 38%. Nos anos seguintes, essa relação apresentou uma tendência de aumento, alcançando 46% em 1993 e 48% nos seis primeiros meses do ano de 1994.

Entre as empresas, a que maiores quantidades exporta é a multinacional Champion. Em termos relativos, no entanto, o Grupo Ripasa é o que apresentou, nos últimos anos, o maior nível de exportações (63% em média).

O gráfico seguinte ilustra a participação de cada região no destino das exportações brasileiras ocorridas em 1993.



Resultados Financeiros

Das principais empresas brasileiras atuantes no mercado de papéis para imprimir e escrever, as que publicam seus resultados financeiros em condições de se efetuar comparativos são: Cia. Suzano, Ind. de Papel Simão e Ripasa. Tais empresas reunidas foram responsáveis por cerca de 45% da produção brasileira de imprimir e escrever em 1992 e 1993.

Com a finalidade de expurgar os valores das participações societárias em outros setores industriais, este comparativo foi efetuado com os demonstrativos não consolidados da Cia. Suzano. Os valores referentes a Simão e Ripasa são consolidados.

Cabe ressaltar que essas três empresas atuam em outros segmentos do setor de papel e celulose conforme a tabela seguinte:



78243025

PRODUÇÃO

Empresa	1992			1993		
	Imp.Escr.	Cartões	Outros	Imp.Escr.	Cartões	Outros
Ripasa (consolidado)	212	106	12	225	106	3
Simão (consolidado)	197	4	27	198	4	23
Suzano	271	124	0	292	127	0
SUB-TOTAL	680	234	39	715	237	27
TOTAL BRASIL	1.397	502		1.639	538	
% SOBRE TOTAL	49%	47%		44%	44%	

Fonte: ANFPC e Demonstrativos Financeiros das Empresas

Desta forma, a comparação dos preços médios dos produtos (tomados estes como o quociente das vendas líquidas pelos respectivos volumes físicos), é afetada pelo mix de produção de cada empresa.

A metodologia para o cálculo dos indicadores de break-even fundamentou-se no comparativo dos itens do Demonstrativo de Resultados, a partir do preço médio unitário, tendo sido observada a sequência: Custo do Produto Vendido + Despesas Operacionais = **Break-Even Operacional** + Desp. Financeiras Líquidas = **Break-Even Econômico** - (Depreciação + Amortização Pré Operacional + Exaustão) = **Break-Even Financeiro**.

Destes indicadores o Break-Even Financeiro, referencial do ponto de nivelamento de caixa, é o mais confiável em virtude de não sofrer os efeitos dos diferentes critérios adotados pelas fontes na formação dos grupamentos contábeis.

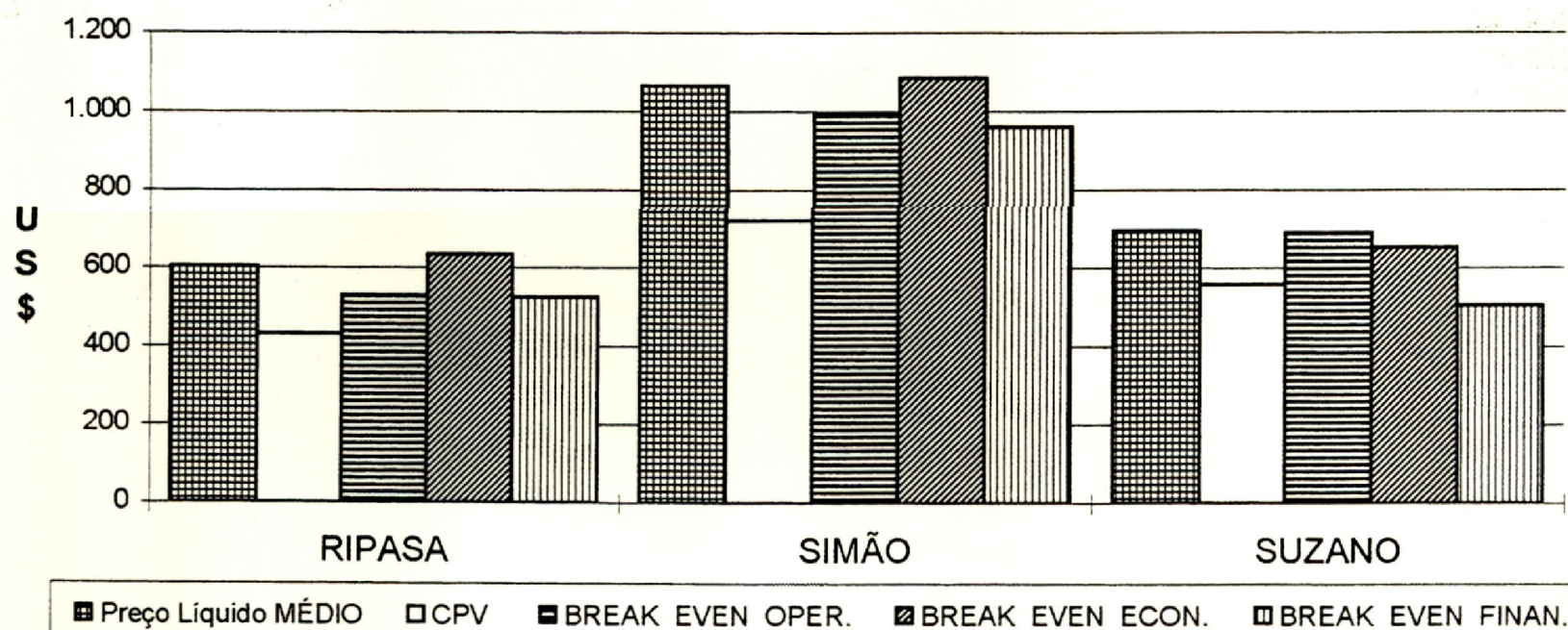
POSIÇÃO FINANCEIRA (US milhões - dez/93)

BALANÇO	31/12/92			31/12/93		
	RIPASA	SIMÃO	SUZANO	RIPASA	SIMÃO	SUZANO
ATIVO TOTAL	646	623	1.170	664	694	1.282
IMOBILIZADO + DIFERIDO	526	517	409	574	551	367
ENDIVIDAMENTO						
ENDIVIDAMENTO FINANCEIRO CP	116	57	20	111	68	12
ENDIVIDAMENTO FINANCEIRO LP	124	53	64	91	92	182
PATRIMONIO LÍQUIDO	361	476	971	439	493	977
RESULTADO						
VENDAS BRUTAS	258	256	369	249	280	405
RECEITA LÍQUIDA	232	217	275	219	239	301
CPV	173	179	250	157	162	241
Depreciação	39	30	64	40	28	64
LUCRO BRUTO	59	37	25	62	78	59
DESP. OPERACIONAL	75	59	40	35	62	57
RESULTADO LÍQUIDO	-29	-20	19	-10	1	9
Vendas (mil toneladas)	339	228	443	364	225	434

BREAK-EVEN (US\$/tonelada - dez/93)

INDICADORES	31/12/92			31/12/93		
	RIPASA	SIMÃO	SUZANO	RIPASA	SIMÃO	SUZANO
Preço Líquido MÉDIO	684	948	621	602	1.065	693
CPV	509	784	564	432	719	556
BREAK EVEN OPERACIONAL	729	1.045	655	528	993	687
BREAK EVEN ECONÔMICO	772	1.073	627	631	1.086	652
BREAK EVEN FINANCEIRO	657	943	481	522	961	503

BREAK EVEN - 1993

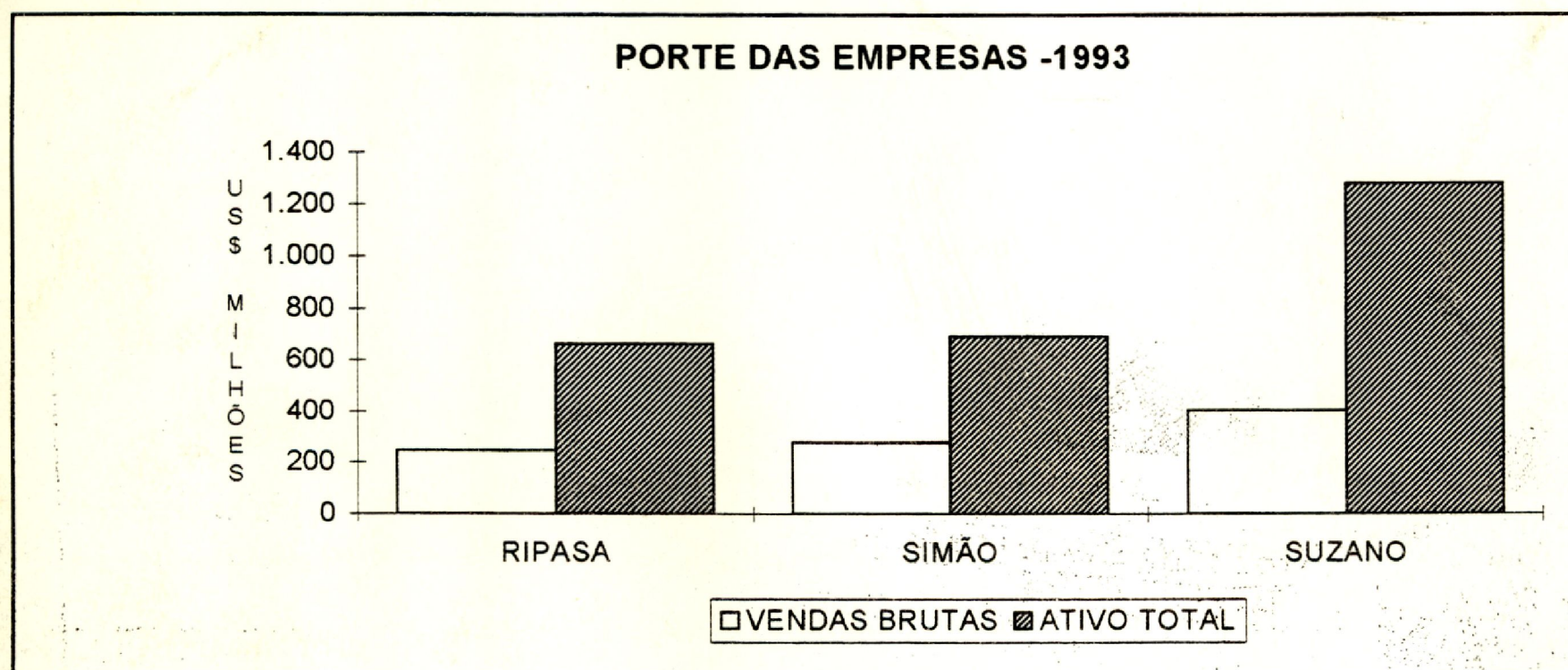
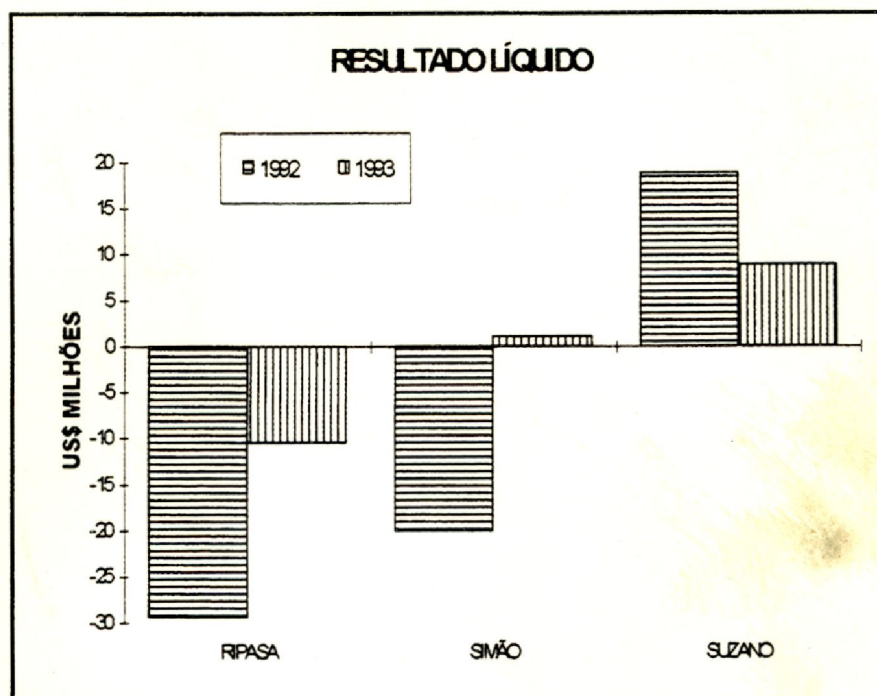


OUTROS INDICADORES FINANCEIROS

INDICADORES	31/12/92			31/12/93		
	RIPASA	SIMÃO	SUZANO	RIPASA	SIMÃO	SUZANO
VENDAS BRUTAS/ATIVO TOTAL	0,40	0,41	0,32	0,37	0,40	0,32
ENDIVIDAMENTO/ATIVO TOTAL	0,37	0,18	0,07	0,30	0,23	0,15
CPV/RECEITA LÍQUIDA	0,74	0,83	0,91	0,72	0,67	0,80
(CPV-DEP.+DESP OP.)/TON. VENDIDA	0,61	0,91	0,51	0,42	0,87	0,54
RECEITA LIQ. / (IMOB+DIFERIDO)	0,44	0,42	0,67	0,38	0,43	0,82
L.L. / ATIVO TOTAL	-0,05	-0,03	0,02	-0,02	0,00	0,01
L.L. / PL	-0,08	-0,04	0,02	-0,02	0,00	0,01

Os números apresentados mostram: volume de vendas insuficiente em relação aos ativos, nível de endividamento moderado, custos operacionais por unidade de produto elevados porém declinantes e rentabilidade muito baixa.

No exercício de 1993 as empresas acusam fluxo de caixa positivo, o que se observa na comparação do preço líquido médio com o break-even financeiro. O ponto de nivelamento operacional aproxima-se da curva de custos e o break-even econômico, no caso da Simão e da Ripasa, é negativo. Apenas a Suzano apresenta-se positiva em todos os níveis, porém de forma muito modesta em relação ao break-even operacional e econômico.



Quanto aos próximos exercícios as expectativas são otimistas tendo em vista a recuperação dos preços no mercado internacional e a implantação de programas

de redução de custos que, conjugados, certamente propiciarão reflexos imediatos nos indicadores financeiros.

Equipe Técnica Responsável:

Angela Regina Pires Macedo - Gerente Setorial
 Antonio Carlos de Vasconcelos Valença - Engenheiro
 René Luiz Grion Mattos - Engenheiro
 Sebastião Fernandes Lamego - Economista

Para esclarecimentos: 277-7083/7437/7468